

GRUPO I

PARTE A

1. Enquanto as mulheres agem de forma ritual, desenvolvendo tarefas de rotina e previamente agendadas e definidas, como por exemplo a existência de um “dia para arear os metais”, “de tomar banho” ou o de “pôr flores aos mortos”, atuando de forma obsessiva, a um ritmo frenético e pré-determinado, que exigia esforço físico, os homens tentavam alhear-se dessas tarefas, concentrando-se na introspeção/reflexão, fugindo dessa “aranha infernal da rotina”, que, por vezes, fazia com que o pai se revoltasse e acabasse por se ausentar durante uns dias.
2. Como se pode ler no terceiro parágrafo, o pai, inicialmente, “ausentava-se para dentro de si”, isto é, tentava alhear-se de tudo o que o rodeava, “olhando para longe”, absorvendo-se nas meditações. Contudo, isso não era tarefa fácil. Era frequentemente “despertado” pelo barulho das tarefas mais pesadas e executadas pelas criadas. Por isso, revoltado, acabava por se levantar e sair para o mundo exterior ou então fugia por uns dias, regressando “uns dias depois”.
3. O narrador pretende evidenciar que a “aranha infernal da rotina” prevalecia sobre todas as coisas e sobre todos. Ou seja, era mais importante cumprir-se escrupulosamente as tarefas pré-definidas, obedecer ao ritual das limpezas, do que valorizar a presença dos seres masculinos ou respeitar a necessidade que pai e filho tinham de estar em silêncio para dar azo às suas reflexões/divagações e que lhes permitia libertar-se da teia urdida e que dominava o espaço pessoal de ambos. Assim, a metáfora da teia evidencia o aprisionamento de que, tal como a aranha, pai e filho eram alvo.

PARTE B

4. Baco tenta influenciar Neptuno, Oceano e os deuses do mar através da adulação e da interrogação retórica, tentando despertar neles sentimentos negativos contra os navegadores. Por isso, usa o argumento de que estes são os senhores do mar e não poderão dar sinais de fraqueza face à ousadia dos portugueses, que pretendem ultrapassar o limite imposto pelos próprios deuses. De acordo com Baco, as divindades a quem se dirige não podem dar sinais de brandura nem de fraqueza perante o atrevimento dos lusitanos.
5. A mitificação do herói é visível na referência que Baco faz à coragem e ousadia dos portugueses que desafiaram o “Céu supremo” e abriram “o mar com vela e remo”, ou seja, com meios escassos, mas de forma voluntariosa, alertando os seus interlocutores para o atrevimento dos navegadores portugueses e para a possibilidade de se transformarem em deuses e estes serem reduzidos a humanos. Sendo assim, pode afirmar-se que os versos 27-28 e 30-32 comprovam claramente a mitificação do herói, dado que aí se pode ler “Vistes aquela insana fantasia / De tentarem o mar com vela e remo” e “temo / Que do Mar e do Céu, em poucos anos, / Venham Deuses a ser, e nós, humanos”, onde se demonstra claramente a superioridade dos navegadores lusos.
6. a) – 3; b) – 2

PARTE C

7. A personagem Maria, filha de Manuel de Sousa Coutinho e de D. Madalena de Vilhena, é apresentada como fisicamente débil, mas psicologicamente perspicaz, curiosa, visionária e atenta a todos os detalhes.
Os progenitores viviam preocupados com a saúde da jovem mas também com o facto de esta se preocupar com situações pouco normais para a sua idade. Por isso, aconselhavam-na a ler e a brincar como as crianças da sua faixa etária, em vez de estar atenta às questões políticas e sociais em que estavam envolvidos. Efetivamente, a jovem tem consciência da situação política do país, como se vê, por exemplo, quando elogia a atitude patriótica do pai aquando da resolução de incendiar o seu palácio para impedir a instalação dos representantes de Castela, ou quando o incita a comandar as suas hostes e a lutar contra os invasores. Elogia também a atitude de D. Sebastião e acredita no seu regresso, mostrando-se solidária com o povo e defensora das suas crenças.
Em suma, são várias as atitudes e comportamentos assumidos por Maria que evidenciam uma maturidade precoce e invulgar numa jovem de 14 anos, e que, por isso, tanto preocupava os pais mas também o seu aio Telmo.

GRUPO II

Item	Versão 1	Versão 2
1.	(A)	(D)
2.	(D)	(C)
3.	(C)	(B)
4.	(D)	(B)
5.	(B)	(C)
6.	a) Complemento do adjetivo b) Complemento direto	
7.	a) (valor aspetual) imperfetivo b) (valor aspetual) perfetivo	

GRUPO III

Introdução – Formas de perspetivar os papéis da mulher e do homem na sociedade atual.

Desenvolvimento

- 1.º argumento** – a prevalência de uma mentalidade machistas e a superiorização do homem.
Exemplo: o acesso a determinadas profissões ou cargos políticos.
- 2.º argumento** – os sinais de mudança visíveis em algumas sociedades ou países mais desenvolvidos.
Exemplo: alguns cargos políticos importantes (EU) são já ocupados por mulheres.

Conclusão – existência de sinais de mudança a par da resistência de algumas sociedades.

Proposta de textualização:

As sociedades foram, durante muitos anos, predominantemente machistas, atribuindo aos homens um papel preponderante e decisor do futuro não só deles mas também das mulheres, sempre submissas e dependentes das decisões por eles tomadas.

Efetivamente, a mulher, nomeadamente nas sociedades ocidentais, viu-se, durante séculos, privada de direitos. Os deveres eram muitos, destacando-se a assunção do papel de esposa submissa, de mãe, de dona de casa, de cuidadora do marido e dos filhos, sendo subserviente e não podendo tão pouco exercer o direito de voto ou aceder à escolarização. Esta realidade viveu-se, por exemplo, em Portugal, durante o Estado Novo que, através dos manuais escolares, difundia a ideia da mulher dona de casa, prendada nas tarefas domésticas e obediente ao marido. Durante anos e anos, não foi possível ver mulheres na política e só recentemente estas começaram a ser aceso a cargos políticos e a lugares de chefia.

Porém, se em muito países ditos democráticos, a mulher passou a ter representatividade na política e a ver reconhecido o seu valor, passando a ocupar lugares de chefia e a desempenhar funções até agora apenas atribuídas aos homens, como é o caso da senhora Christine Lagarde, atual presidente do FMI, elas continuam a ser um joguete nas mãos dos

homens, servindo apenas os seus interesses, como se vê, por exemplo, em muitos países árabes, onde nem o rosto lhes é permitido desvendar, nem exercer qualquer atividade – são apedrejadas, em praça pública, por cometerem determinados atos, considerados delitos, aos olhos daqueles que julgam ser seus donos.

Facilmente se pode concluir que houve já um longo caminho percorrido no que concerne os direitos das mulheres, mas, em contrapartida, há ainda muito a fazer e não só nos países subdesenvolvidos, porque, em muitos outros, a igualdade continua a ser uma miragem.

(295 palavras)